

2019

IX Seminário Internacional sobre
Desenvolvimento regional

Processos, Políticas
e Transformações

Territoriais

Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Dias: 11, 12 e 13 de setembro de 2019

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul



IMIGRAÇÃO NO BRASIL E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÃO INTRODUTÓRIA SOBRE A IMIGRAÇÃO HAITIANA

**Sandra Buaski
Maria de Lourdes Bernartt
Luiz Carlos Flávio
Suelyn Maria Longhi de Oliveira**

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir, de modo introdutório, sobre o processo migratório, contemplando a presença de imigrantes haitianos no Brasil, focando especialmente as relações de interculturalidade construídas no processo migratório. Para isso, realizou-se um estudo do tipo exploratório, com aporte de pesquisa bibliográfica, por meio da revisão de literatura sobre imigração e interculturalidade. A coleta de dados ocorreu através da leitura de diversos livros e artigos, caracterizando-se como uma abordagem qualitativa sobre o tema. Os resultados demonstraram que a formação histórica do Brasil contou com processos de imigração que contemplaram diversos povos oriundos de outros países. Um fator importante é a inter-relação entre imigração e a expressiva interculturalidade que acontece por meio da troca de valores e experiências entre as diversas nacionalidades as quais contribuem significativamente com a formação da cultura local.

Palavras-chave: Brasil. Migração Haitiana. Interculturalidade.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the migratory process in Brazil, the presence of Haitian immigrants in our country and intercultural relations. For this, a study of the exploratory type was carried out, with the contribution of bibliographical research, through materials of several scholars of the area. The collection of data occurred through the analysis of readings of several books and articles, characterizing itself as a qualitative approach. The results showed that the formation of our nationality counted on processes of migration of diverse peoples originating from other countries. An important factor is the interrelationship between migration and the expressive interculturality that happened and happen through the exchange of values and experiences among the different nationalities, adding value to the development of the local culture.

Keywords: Brazil. Haitian Migration. Interculturality.



INTRODUÇÃO

Ninguém migra por migrar. Migra-se por necessidade. Migra-se por medo. Migra-se por coragem. Migra-se por amor. Migra-se por ódio. Migra-se para fugir. Migra-se para encontrar. Migra-se para morrer. Migra-se para nascer em outro lugar (MARTINS et al., 2014, p. 31).

Desde os tempos mais remotos, a humanidade se move pelo planeta. Contudo, no cenário atual, a mobilidade consiste em um dos grandes desafios de todos os povos, pois o ser humano, por inúmeras razões, está em constantes travessias cada vez mais longas e distantes. Alguns saem em busca de melhores condições de vida para si e para suas famílias, outros para protegerem-se de conflitos (religiosos, territoriais) envolvendo perseguições e violação de direitos humanos. E há ainda os que partem em razão de alterações climáticas e desastres ambientais ocorridos nos locais/países de origem.

Conforme os termos da Declaração de Refugiados e Migrantes de Nova Iorque, datada de setembro de 2016, em 2015 o número de pessoas obrigadas a migrar atingiu o maior índice desde a Segunda Guerra Mundial, ultrapassando 244 milhões de pessoas que migraram no mundo. Dessas, 65 milhões de pessoas foram forçadas a saírem de seus locais de origem; 21 milhões são refugiados; 3 milhões, solicitantes de asilo; e mais de 40 milhões são os deslocados internos (LIMA et al, 2017, p. 15).

Dentre os milhares de imigrantes que se movimentam em todos os continentes, e também no Brasil, incluem-se também os refugiados e apátridas. Os refugiados são pessoas que estão fora de seu país de origem, devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados; já os apátridas são pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país. A apatridia ocorre por várias razões, como discriminação contra minorias na legislação nacional, falha em reconhecer todos os residentes do país como cidadãos quando o país se torna independente (secessão de Estados) e conflitos de leis entre países (ACNUR, 2019).

Consoante Silva e Lima (2017, p. 394), "Presentemente, o Brasil convive com aproximadamente um milhão e meio de estrangeiros", contando inclusive grande número de imigrantes irregulares existentes no país. Em diferentes tempos, o país acumulou diferentes matrizes imigratórias que aportaram em seu solo. E que tornaram a sociedade brasileira



composta por pessoas de várias nacionalidades as quais contribuíram para o crescimento da agricultura e da indústria, gerando um crescimento significativo da economia do país, bem como para processos de expressivas trocas culturais.

No período que vai da colonização até as primeiras décadas do século XX os principais fluxos de imigrantes que entraram no Brasil eram constituídos notadamente de europeus (alemães, suíços, italianos, espanhóis, portugueses etc.). Atualmente o país tem recebido muitos imigrantes da América do Sul (bolivianos, venezuelanos, paraguaios), da África, China, Coréia; e, nos últimos anos, de modo bastante destacado, muitos haitianos. (SILVA, LIMA, 2017).

Em vista disso, é no contexto da entrada de levas de haitianos no Brasil, que se justifica o presente estudo. Um ponto relevante deste artigo se liga às inter-relações entre imigração e interculturalidade, envolvendo destacadamente a imigração haitiana no Brasil. Vale destacar que nosso país apresenta uma diversidade cultural que ocorre devido à junção das diversas culturas mobilizadas pelos vários fluxos migratórios que entraram no país em diferentes tempos.

Em tal contexto os imigrantes contribuíram expressivamente para a formação da cultura e da identidade do povo brasileiro. Para Darcy Ribeiro (1995), a enorme gama de culturas, línguas e identidades convivendo em um mesmo território emprestaram uma riqueza cultural e de miscigenação tão notável à formação do povo brasileiro que o tornaram um dos povos mais fantásticos do mundo, senão o mais.

Este estudo objetiva refletir sobre o processo migratório no Brasil, abordando introdutoriamente os principais períodos migratórios e também, especialmente sobre a presença recente de imigrantes haitianos que adentraram o país, concorrendo para importantes relações de interculturalidade advindas deste processo.

Para o desenvolvimento deste estudo utilizamos o método de pesquisa do tipo exploratório, com aporte de pesquisa bibliográfica. E para a análise dos dados, a abordagem qualitativa. O estudo se baseou em diversos autores, dentre os quais: Zamberlam et al (2014), Vasconcelos e Botega (2015), Motoki et al (2012), Pádua e Nascimento (2013), Giacomini (2017), Bernartt (2015), Duarte (2017). Está organizado em três seções: a primeira apresenta um breve histórico sobre a imigração brasileira; a segunda discorre sobre a imigração haitiana para o Brasil; a terceira aborda a inter-relação entre migração e cultura, e, por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre a temática.



1. IMIGRAÇÃO NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO (INDO ÀS RAÍZES DA INTERCULTURALIDADE)

1.1. *Primórdios da imigração no Brasil*

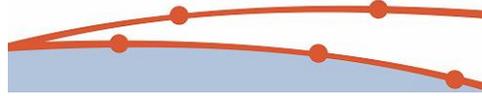
Como sabemos, o Brasil já era habitado antes da chegada dos portugueses. Mesmo assim os portugueses passaram a se denominarem “descobridores” dessas terras, passando a buscar meios de colonizá-la. De acordo com Zamberlam et al (2014, p. 9), no decorrer do processo colonizador:

O território que hoje forma o Brasil, era habitado por indígenas (habitantes milenares), por portugueses que eram donos das capitanias hereditárias (comumente denominados de “colonizadores”) e por africanos (imigração forçada) trazidos como escravos para gerar sustento e a renda aos proprietários das capitanias.

Conforme aponta o autor, dentre os primeiros imigrantes a chegarem ao Brasil estavam os africanos, que eram adquiridos como mercadoria e trazidos pelos portugueses para serem utilizados como mão de obra escrava nos campos e cidades.

No decorrer do processo de colonização, marcado pela incorporação e exploração do território e de suas riquezas, foram atraídos muitos imigrantes europeus. Um dos primeiros grandes focos de imigração de europeus para o Brasil se deu no contexto do “ciclo do ouro”. Referenciando-se em Celso Furtado, Flávio (1999, p. 62) lembra que, se antes o Brasil era povoado por maioria de matriz indígena e negra, ‘a população colonial de origem européia decuplicou no correr do século da mineração’. No total dos habitantes da colônia, de 100.000 no ano 1600 e 300.000 no ano 1700, a força do ouro fez a quantidade de habitantes ir a 3.250.000 pelo ano 1800. Sob este fluxo migratório:

A economia calcada na mineração traria importantes mudanças na organização da colônia. Num primeiro ponto, face à imigração, os escravos já não constituíam mais a maioria da população. De uma população estimada em 1.347.000 brancos e 3.993.000 negros e mestiços, entre escravos e livres, às vésperas da independência (...), os escravos representavam apenas um terço (FLÁVIO, 1999, p. 64).



Indo adiante, baseando-nos em Flávio (1999) e Zamberlam (2014), percebemos que no período compreendido entre meados do século XIX (tempo prévio à abolição da escravidão) a 1914, houve alguns focos de atração de imigrantes tais como alemães, suíços, italianos, espanhóis, suíços e portugueses. Os fluxos migratórios desse período objetivavam sobretudo a substituição da mão de obra escrava pela de trabalhadores imigrantes, para o trabalho nos cafezais e canaviais da região Sudeste atuando no processo de colonização (desmatamento, cultivos, colheitas), nos territórios já ocupados e também na fronteira agrícola em ocupação no sul do país.

Em geral, do ponto de vista interno ao Brasil, as buscas por imigrantes ocorridas até 1930, no intuito de alavancar a economia brasileira, buscavam suprir mão de obra para explorar as riquezas (pau-brasil, cana de açúcar

ar, café, criação bovina etc.) produzidas em nosso território. Já do ponto de vista externo (do que ocorria na Europa), milhares de pessoas de diversas nacionalidades que de lá saíam com destino ao Brasil e mesmo outros países sobretudo porque a Europa passava por um processo de industrialização que deixava grande parte da população empobrecida. Esta era busca tentar uma vida nova em terras brasileiras e alhures. (PAYER, 1999).

Ademais, vale anotar que não tão somente a questão produtiva se colocou como força mobilizadora das imigrações no Brasil, no momento mencionado. Pois o processo migratório também foi impulsionado em parte pelo ideário ou ideologia do branqueamento da população, a busca por uma raça “mais desenvolvida”. De acordo com Azevedo (2012, p. 26), citado por Vasconcelos e Botega (2015, p. 13): muitos “acreditavam pia e firmemente, que a ideia de pátria e a própria formação da nacionalidade só poderiam surgir no âmago das populações racialmente privilegiadas em termos de inteligência, energia, responsabilidade, sociabilidade, iniciativa etc.”. Segundo o autor, as raças “ariana” ou “caucasiana” eram consideradas superiores. Conforme o pensamento da época a importância de trazer raças consideradas mais evoluídas era um quesito extremamente importante para a formação de uma nação. Então os governos priorizavam estimular para que os imigrantes que viessem a aportar no Brasil fossem oriundos sobretudo da Europa.

Até as décadas iniciais do século XX o Brasil recebeu imigrantes de várias nacionalidades, já antes mencionadas (alemães, suíços, italianos, espanhóis, suíços e portugueses), além de japoneses, cuja mão de obra se atrelava, naquele momento, sobretudo à produção cafeeira (FLÁVIO, 1999).



Já a partir dos anos 1930 há uma mudança significativa em tal cenário, conforme observam Soares, Lobos e Matos (2015, p. 192):

A década de 1930 constitui referência temporal da drástica redução da imigração estrangeira e de início dos intensos movimentos migratórios internos que caracterizarão, daí em diante, a dinâmica populacional brasileira. A transferência do eixo de acumulação do setor primário para o urbano industrial instaura dois tipos de movimentos migratórios simultâneos e aparentemente contraditórios, a saber: interiorização – a ocupação de novas fronteiras agrícolas –, e urbanização, que responderam pela mudança no perfil da distribuição territorial da população no País.

1.2 Aspectos da imigração recente para o Brasil

A redução da imigração estrangeira perdurou como marca do processo populacional brasileiro desde os anos 1940 até os anos 1980. Apenas a partir dos anos 1990 a imigração ganha um destaque relevante. Conforme Soares, Lobos e Matos (2015, p. 194):

Ao confrontar os dados dos censos demográficos de 2000 e de 2010, vem à luz o aumento de aproximadamente 87% do número de imigrantes internacionais em território brasileiro: no quinquênio 1995/2000, o Brasil recebeu 43.644 imigrantes e, no quinquênio 2005/2010, 268.295

Conforme os autores referidos, novos arranjos políticos e econômicos na América Latina, acompanhados de novos processos de urbanização e modernização no campo (no contexto da chamada globalização econômica) apresentaram o Brasil e diversos países do continente americano como possíveis territórios com novas alternativas de atividades capazes de receber diversos imigrantes internacionais, tais como: profissionais ligados a ramos de alta tecnologia voltados à indústria e à produção no campo; estudantes; refugiados etc.

Para ilustração, pode-se observar a cronologia da imigração no Brasil, conforme exposto no quadro a seguir.

Quadro 1: Linha do Tempo da Imigração no Brasil – 1500 a 2010

1500 - 1747	Através da política privatista do território, donos importam escravos da África. Período colonial é marcado pela imigração portuguesa e o tráfico de escravos africanos. Estima-se em 4 milhões os escravos trazidos para o Brasil.
1747	Provisão Régia autoriza a imigração de açorianos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
1808	Início da política de imigração de núcleos coloniais, trazendo inicialmente chineses, suíços, alemães e italianos.
1850	Política de imigração de mão-de-obra para fazendas de café e cana e para ocupação de áreas de florestas.
1872 e 1929	Chegada de 4,1 milhões de estrangeiros, sobretudo em SP, RS, SC, PR e RJ, sendo 1,5 milhão da Itália, 1,2 milhão de Portugal, 574 mil da Espanha, 165 mil da Alemanha e 85 mil do Japão. Também de muitos outros países, como China, Suíça, Inglaterra, Rússia, Polônia, França, Grécia, Áustria.
1891	Política de barreiras para africanos e asiáticos.
1934 a 1937	Políticas de cotas. Os imigrantes são proibidos de quaisquer atividades políticas partidárias, associativas, manifestação cultural, inclusive a fala da língua pátria do imigrante.
1945	Política de flexibilização para acolher refugiados e deslocados da Segunda Guerra Mundial. Nos registros do IBGE, os brasileiros que retornam são imigrantes. Da imigração nesse período, uma grande parte – 61,2% a 65% - é constituída por brasileiros que retornaram.
1969 a 1980	Estatuto do Estrangeiro adota a política da ideologia da segurança nacional. Para isso, a lei passou a dar ao estrangeiro o tratamento de regime policial e penal.
1988	A Constituição Federal deixa a questão migratória para a lei ordinária, que até hoje permanece a do período ditatorial, dá ao Estado o poder de legislar sobre a cidadania (quem pode ser e quem não pode ser cidadão brasileiro) e introduz inovações, como: todos os residentes no país tem seus direitos fundamentais resguardados e é beneficiário das políticas sociais.
2000 - 2010	A maior parte de imigrantes neste período foram dos EUA, Japão, Paraguai, Bolívia e União Europeia em geral.
2010	Inicia-se a imigração de haitianos para o nosso país. Atualmente, em torno de 60.000 chegaram ao Brasil.

Fonte: Adaptado de PEDRO & BERNARTT (2015, p. 4).

Percebe-se através dos dados apresentados no quadro que a imigração teve início em 1500 sendo marcada pela imigração portuguesa e o tráfico de escravos. E, na linha do tempo histórico mais distante, muitos imigrantes europeus, assim como também asiáticos (japoneses, chineses etc.) foram recebidos no Brasil, como mostramos acima. Em tempos mais recentes, além do país ainda receber imigrantes de matriz europeia ou mesmo asiática, passou a receber também muitos latino-americanos (bolivianos, venezuelanos, paraguaios, cubanos etc.). Dentre estes, o fluxo de haitianos para o Brasil é um dos mais recentes de todos, datando sobretudo do ano 2010 para cá.



2. A IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

Em geral, as pessoas não imigram apenas por imigrar, mas a imigração está relacionada com algum evento que as levam a romper com sua história de vida: família; cultura; religião, amizades. São muitas as perdas na vida de um migrante, por isso, a motivação para aderir ao processo de travessia a outro país está relacionada a fatores como expectativas econômicas, guerras, pobreza extrema, violência, perseguições etc.

Amiúde a busca por uma qualidade de vida melhor para si e para os seus familiares é o principal fator que leva o imigrante a se arriscar e seguir com o objetivo de alcançar melhoria de condições de vida para si e para seus familiares.

Sobre alguns dos motivos que levam as pessoas, como os haitianos, a buscarem outro país, Motoki et al (2012, p. 5) asseveram que:

As desigualdades econômicas e sociais entre países e entre regiões de um mesmo país criam áreas de atração e expulsão de migrantes. De um lado, há lugares em que os salários são relativamente mais altos e onde faltam pessoas para ocupar determinados empregos, principalmente os que exigem pouca qualificação. De outro existem áreas em que a pobreza, a concentração de terras e a dificuldade de acesso a bens e serviços fazem com que uma grande quantidade de pessoas seja obrigada a deixar sua localidade, além do desejo de melhorar a qualidade de vida, do sonho de viver uma realidade diferente e de ambições de ascensão social. É claro que, muitas vezes, um lugar que atrai algumas pessoas expulsa outra, por diferentes motivos. Portanto, essas distinções não são assim tão rígidas.

No caso específico dos imigrantes haitianos, eles buscam países com economia estável fitando melhores condições em seu estado econômicas e também buscam se proteger de problemas como perseguições existentes em seu país.

No que tange às questões (geo)políticas e econômicas vividas pela população haitiana, Fortes e Silva (2014), citados por Zamberlam et al, (2014, p. 26), afirmam que:

A população haitiana sofre uma perseguição política permanente, pois até hoje os países que comandam a hegemonia política e economia no mundo não querem permitir que uma república de negros e negras viva feliz. Dessa forma o Haiti sempre sofreu e continua pagando caro o preço da liberdade que a França cobrou por sua independência: a invasão dos EUA (1915 – 34) para proteger seus privilégios comerciais no país, favorecendo a elite mulata haitiana em conflito com a população negra; as ditaduras apoiadas pelos governos norte-americanos; e hoje da ONU, atualmente por meio da MINUSTAH¹⁴, que significa, principalmente, uma forma de ocupação militar, dominação e colonização humanitária, como chamam.



Um dos principais fatores que desencadeou um forte processo migratório haitiano para o Brasil foi o terremoto que devastou o Haiti ,em 2010 (IDOETA, 2018). Além do problema ambiental, a problemática também envolve questões econômicas e políticas, Zamberlam et al (2014, p. 22) relatam que: “Nos últimos 4 anos cerca de 38 mil haitianos imigraram para o Brasil”. E Idoeta (2018) afirma que neste mesmo ano (2014) 16,7 mil haitianos pediram refúgio ao governo brasileiro. Em geral eles ingressam no Brasil para buscar uma melhor sobrevivência e auxiliar seus familiares que ficaram no país de origem através do envio de remessas financeiras para suprir as necessidades de seus parentes haitianos que vivem na miséria (ZAMBERLAM et al, 2014).

Vale anotar que os haitianos têm tido dificuldades para conseguir regularizar sua situação no país. Devido à grande quantidade de haitianos que ingressaram no Brasil, de acordo com Motoki et al (2012, p. 15), no ano 2012, por exemplo:

O governo decidiu regularizar a situação de mais de 4 mil haitianos que já viviam no país. No entanto, passou a limitar o número de vistos humanitários concedidos a pessoas que vêm do Haiti a 1,2 mil por ano. Os Haitianos que entrarem no país sem autorização podem ser deportados.

Passou, então, a ser limitada a entrada de imigrante haitianos. E também obrigatória a regulamentação de documentação para sua permanência. Os que não se enquadram aos requisitos exigidos pelo governo são obrigados a retornar para seu país de origem.

Quando os imigrantes conseguem regularizar sua permanência no país, passam a lhes serem assegurados direitos importantes. A Lei Nº 13.445, de 24 de maio de 2017, sobre a migração, assim reza no “Art. 4º: Ao migrante é garantida no território nacional, em condições de igualdade com os nacionais, à inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, LEI Nº 13.445, 2017).

A irregularidade leva o imigrante a sofrer privações. “O imigrante irregular, sem papéis, que migra motivado por falta de perspectivas, acaba sofrendo a mais terrível das privações: total desamparo (por parte dos Estados ocorrem situações de desrespeito aos direitos econômicos, sociais e culturais)”. (GREGORI et al., 2007, p. 16)

O Brasil é visto como país que dá acolhimento aos estrangeiros. Além disso, possui rotas de entrada que que favorecem que novas imigrações ocorram ao Brasil na atualidade.

Além de tentarem a sorte no Brasil, é importante evidenciar que os haitianos buscam sobrevivência como imigrantes em diversos países do mundo, como vemos na figura 3:

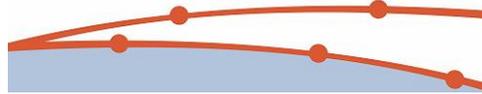
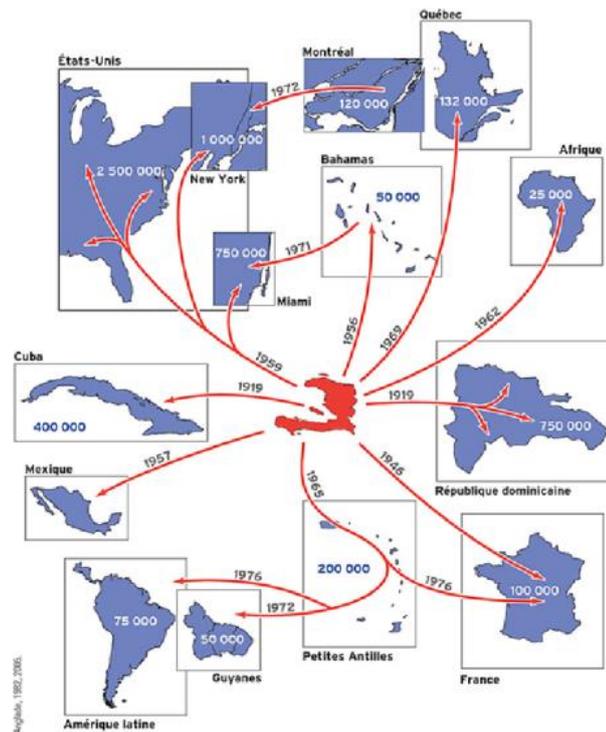


Figura 1: Haitianos no mundo

Les Haïtiens dans le monde



Fonte: Télémèque, (2012), citado por Zamberlam (2014).

Dos 2 milhões de haitianos que imigraram de seu país entre 2005 e 2014, um grande fluxo escolheu como destino o Brasil.

A ilustração da Figura 1 reflete a grande onda de imigração dando origem à diáspora haitiana. Ao se observar a figura sobre a imigração no mundo pode-se perceber que há décadas vem ocorrendo com um número significativo de pessoas que deixam o país em busca de condições para uma melhoria de vida, buscando mais dignidade e uma condição social que lhes permita a sobrevivência. A primeira imigração foi para Cuba no final do século XIX. Desde então essas emigrações são sazonais sendo permanentes ou temporárias.

Com intuito de buscar trabalho os haitianos contaram com o apoio dos Padres em Manaus e dos empresários do Rio Grande.

O fluxo de haitianos, em busca de trabalho no Estado, teve início em 2012, quando a Missão dos Padres Scalabrinianos de Manaus intermediou com

empresários gaúchos a colocação dos primeiros trabalhadores haitianos. A partir daí inúmeros empresários buscaram esses imigrantes, principalmente nas cidades de Manaus (Amazonas) e Brasileia (Acre). (ZAMBERLAM et al, 2014, p. 50)

Segundo o autor, no nosso país, a chegada de haitianos foi pelo Amazonas entrando pelas cidades de Tabatinga e no Acre por Brasileia, para ilustrar o caminho percorrido, Simon Romero (2012) apresenta um mapa referente a busca de empregos por haitianos no Brasil.

Na figura 4 buscamos evidenciar as principais rotas pelas quais os haitianos entram em território brasileiro:

Figura 2: Haitianos: rotas de entrada no Brasil.



Fonte: Por Simon Romero, no “The New York Times” (2012).

Como vemos na Figura 2, as principais rotas utilizadas pelos haitianos para entrar no Brasil se situam nas fronteiras dos estados do Acre e do Amazonas.

Com a esperança de melhores condições de empregos esses haitianos seguiram essa rota de travessia até chegar ao Brasil.

Segundo Giacomini,

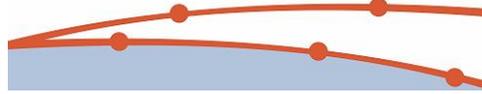


Diante desse cenário cultural, ambiental, político, econômico e social muitos haitianos passaram a se deslocar para outros países, inclusive para o Brasil. Conforme já mencionado, a partir de 2010, uma grande leva de haitianos entrou indocumentada no Brasil, principalmente pelas fronteiras com o Acre e o Amazonas. (GIACOMINI, 2017. p. 28)

Quando chegam ao Brasil, os imigrantes haitianos enfrentam dificuldades de acolhimento nas fronteiras devido à falta de uma política pública que lhes dê guarida. Conforme destacam Zamberlam et al (2014, p. 34), muitas vezes os haitianos são vistos por grande parte da população como “usurpadores de postos de trabalho”; e também são vistos por grande parte de empresários brasileiros apenas como “uma mão de obra barata.”

Com efeito, a força de trabalho dos haitianos é amiúde utilizada por grande parte dos empresários à luz da lógica capitalista mencionada por Zamberlam et al (2014). A percepção da exploração da força de trabalho haitiana foi assim registrada também no poema “Diáspora haitiana”, de Luiz Carlos Flávio (2019):

Pelo desemprego assolados e da miséria cansados,
muitos haitianos, em desespero, têm emigrado da terra natal
buscando países e lugares onde possam se instalar.
Em tal corrida, aos milhares, eles parecem malabares
buscando uma centelha de vida: casa, segurança, trabalho, comida...
Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, México, Estados Unidos...
Lá vão eles adiante, fazendo fileiras,
Lá vão eles por aeroportos, estradas, rodoviárias,
rompendo fronteiras.
Nos países de chegada eles encaram muitos dilemas,
por serem considerados uma população-problema.
Como população chegada, os haitianos, bem de cara,
se tornam mão-de-obra sobrando, volante, precária, desqualificada,
pronta para ser explorada.
Nessa diáspora infinda, a escolha de trabalho
é rara, quase inexistindo, pois mesmo os salários precários
para eles são bem-vindos!...
Olhe ali um haitiano exangue cansado de cortar frangos,
todo sujo de sangue, ganhando um salário pífio
no ringue do frigorífico...
Olhe lá outros haitianos ao trabalho lançados,
construindo cidades, estradas, limpando casas,
sendo frentistas, motoristas, podando grama, varrendo ruas,
cortando cana, abraçando a agricultura...
Seja no Brasil ou pelo mundo, nas inúmeras paradas



em que se vêem aportados, eles carregam no corpo, na vida, na alma, nas bagagens olhares de solidariedade. Mas conhecem também, quase sempre desde cedo, os degredos migracionais: as questões de fronteiras, de leis internacionais, aliadas ao medo, da incapacidade laboral, da saúde corporal e mental, da integração cultural, social, étnica, ambiental... Lutando para ganhar a vida nos braços da imigração, os haitianos enfrentam embaraços em cada espaço-lugar-região que os recebe como parte de sua população. Toda essa diáspora é uma geografia vivida em cada lugar e momento como tempo de busca, partida, sonho e sofrimento. É um tempo de identidades perdidas, rasuradas, refeitas, reabsorvidas. Nessa geografia que se guia pela migração, pela andança, o que mais teme tal população encarar, em tal mundo, são os estados-conteúdos de fome, medo e insegurança. Mas, acima de tudo, buscando no mundo algum assento, os haitianos vivem na tensão e na aflição de experimentarem a sensação de serem lançados na insuportável tormenta da exclusão, da solidão, do esquecimento...
("Diáspora haitiana", poema inédito de Luiz Carlos Flávio)

Sobre o acolhimento do migrante, Zamberlam et al, (2014, p. 29) afirma que "A Igreja Católica e as Protestantes são um ponto de referência da esperança para os haitianos. Todas as igrejas lutam pela nossa causa: dar condições dignas de vida a esse povo". Após chegar no Brasil esses grupos também podem contar com o apoio das igrejas.

Para o acolhimento do migrante, no Brasil, temos o auxílio do IMDH, Instituto de Migrações e Direitos Humanos, cuja como missão consiste em: Promover o reconhecimento da cidadania plena de migrantes, refugiados e apátridas, atuando na defesa de seus direitos, na assistência social, jurídica, humanitária e religiosa, por sua integração na sociedade e inclusão em políticas públicas, com especial atenção às situações de maior vulnerabilidade, (IMDH, 2019).

O IMDH ampara inúmeros imigrantes a se adaptarem à nossa realidade, a ajuda é fundamental, e são vários os desafios conforme apresenta Pereira ao falar sobre a acolhida,

A acolhida a emigrante e refugiados constitui uma questão social, ética, política, cultural, econômica, humanitária. Diz respeito também a real consistência da democracia em uma sociedade. A acolhida também está ligada diretamente a capacidade de produção e reprodução da democracia



em um país. Nesse sentido ela representa desafios a governos, empresas, movimentos populares e instituições como Igrejas, universidades, sindicatos, associações que se relacionam regularmente com o migrante, com o outro. (PEREIRA, 2016, p. 101).

Questões voltadas à cultura e a valores que os migrantes possuem levam à percepção da diferença existente entre eles e as populações locais. Além do respeito, os migrantes precisam de meios que os integrem mais, como oportunidades de adquirir conhecimentos da língua local e atividades recreativas como esporte e momentos de lazer que auxiliam nessa adaptação ao novo e ao desconhecido.

Essas pessoas que imigraram para o Brasil trazem consigo suas crenças, costumes, sua cultura, através da acolhida e da inserção dos mesmos na nossa sociedade, também acontece à troca de valores que nos possuímos e repassamos aos migrantes e eles a nós, sendo assim ocorre uma mistura de identidades culturais dando origem a interculturalidade que se faz presente cada vez mais em nosso país.

3 MIGRAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Para entender melhor as relações entre imigração e interculturalidade, faz-se necessário conceituar o termo. Assim, apresentamos o significado de cultura, exposto por Paixão (2012, p.161). Para o autor “todas as sociedades, desde a mais simples até a mais complexas, têm sua cultura e não existe sociedade humana sem cultura. Por isso, não podemos dizer, dentro da Sociologia, que um indivíduo “não tem cultura”. Cada grupo possui seus costumes sua visão de mundo, contribuindo com o todo e não podemos considerar que tem alguns mais ou menos evoluídos em termos culturais. Como afirma Pádua e Nascimento (2013, p. 92),

A importância de refletirmos sobre cultura tem a ver com a força que esse conceito tem para considerarmos a magnitude da diversidade humana. Essa questão que é tão antiga tem sido sempre atualizada e continua a provocar a nossa reflexão. Cultura tem sido empregada para refletir a diferentes “visões de mundo”, construídas por grupos particulares, e à forma como essa mesma cultura organiza a vida desses grupos. Se num primeiro momento essa noção foi fundamental para afirmar que “todos têm cultura” e que não haverá sociedades ou grupos mais ou menos “evoluídos”, os riscos de se “essencializar” as diferenças logo foram denunciados.



Referente à formação cultural brasileira, contando com a participação de imigrantes que vieram ao país, Gregori (2007, p.88) afirma que:

Somos um país cuja história e cultura foram moldadas pelas contribuições de diferentes povos que chegaram em nossas terras, voluntária ou forçosamente. Todos eles, de diferentes maneiras, contribuíram para enriquecer a identidade do nosso país.

De acordo com Paixão (2012, p. 157), “os grupos sociais se identificam como tais e se definem pelos valores, crenças e significados que compartilham; em suma pela cultura que têm em comum”. Vários aspectos levam os grupos a se identificarem e um deles é a cultura.

Todas as culturas possuem elementos que costumam alguma identidade. Sobre a identidade cultural Ribeiro (2016) aponta que não existe uma e sim várias identidades, face às várias experiências dos povos que constroem um Nação, uma região, uma cidade.

Podemos assim dizer que com a presença de povos de culturas diferentes na nossa nação ocorre o aumento da diversidade cultural que ali passa a existir à medida em que um território agrega várias identidades de diferentes povos que o constituíram.

Cechetti e Piovezana et al (2015, p.34) citam (UNESCO, 1982) “O dialogo intercultural já aparece com muita força. Esta Declaração afirma que a cultura estaria constituída por um conjunto de características que distinguem uma sociedade ou um grupo social”. Afirmando que na Declaração sobre Políticas Culturais já se apresenta a força e a importância da interculturalidade.

Para a formação da cultura é necessário considerar todos os aspectos que envolvem a vivência de um determinado povo desde suas manifestações artísticas até a manifestação de sua espiritualidade e acaba envolvendo seus conhecimentos como um todo.

Cada localidade apresenta suas particularidades em relação a suas formas de manifestar a cultura. Ademais, o encontro de culturas de povos diferentes em uma cidade ou nação pode levar a choques culturais, a conflitos e descontinuidades, tanto quanto à aproximação entre diferentes culturas (GIACOMINI, 2017).

Sobre os imigrantes, a exemplo dos haitianos, que participam da formação da interculturalidade presente no Brasil:

Pode-se dizer, então que há “novos rostos” compondo a imigração brasileira formada pelo predomínio de latino-americanos, os quais se somam os



colombianos, mexicanos, portugueses, espanhóis, italianos, franceses e, recentemente, africanos, caribenhos e asiáticos, são, pois, novos rostos, novas culturas que, sem dúvida, já estão provocando inúmeros sentimentos na população brasileira que vai, desde a solidariedade, acolhimento, ajuda legal, até atos bárbaros, como agressões físicas morais e demonstrações de preconceito. (BERNARTT, 2015, p. 117)

Esses imigrantes trazem consigo novas culturas e contribuem com a interculturalidade brasileira, mas também sofrem com o preconceito devido a apresentarem diferenças identitárias e culturais ligadas à sua maneira de viver.

Sobre a formação da identidade cultural, Hall (1999, p.59) afirma “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo a mesma e grande família nacional”.

Portanto, fica evidente que para formação da cultura de uma nação é necessária a junção de suas identidades, incluindo suas diferenças.

No que tange às inter-relações entre migração e interculturalidade, estas ocorrem por meio das trocas entre diferentes culturas. Sendo assim, podemos dizer que a nossa formação como brasileiros conta com a colaboração de outros povos que passaram a fazer parte da cultura que possuímos. Sobre as diferentes formas de viver do outro, Pádua e Nascimento (2013, p. 94/95) relatam que:

Nós tendemos a fazer um conjunto de coisas em nosso dia a dia, desde que nascemos, e as tratamos como sendo naturais e a única possibilidade. É no momento em que percebemos que algumas pessoas, por exemplo, comem coisas diferentes, que são preparadas de modo diverso do nosso, que se vestem de forma diferente e que até mesmo falam outras línguas é que nos damos conta da particularidade da nossa forma de existir. É nesse contato com o outro - a alteridade - que nos percebemos e percebemos o outro.

Nós aprendemos muito com a cultura do outro, seja no que toca à alimentação, vestimenta e costumes, já que existem diversas formas de realizar as tarefas, não sendo apenas a que aprendemos no nosso convívio dentro de um grupo familiar.

São vários os locais que aprendemos com o outro. Além da família e da igreja, temos a escola, local que reúne diversas pessoas, diversas culturas. Sobre o papel da escola em relação à cultura Pádua e Nascimento (2013, p. 100) citam Gusmão:



É aqui que a pluralidade cultural de grupos étnicos, sociais e culturais necessita ser pensada como matéria-prima da aprendizagem, porém nunca como conteúdo de dias especiais, datas comemorativas ou momentos determinados em sala de aula. Fazer isso é “congelar” a cultura, reificá-la, transformá-la em recurso folclórico, e como tal acentuar as diferenças. Nesse processo, rompe-se a possibilidade de comunicação e de aprendizagem para reforçar os mecanismos discriminatórios e a desigualdade, instaurando a impossibilidade da troca e dos processos de equidade entre sujeitos diferentes. (GUSMÃO, 2003, p. 95-96).

Sobre a interculturalidade na educação, Duarte considera que:

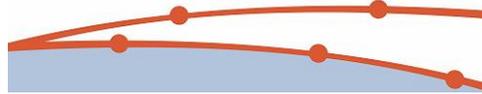
A aprendizagem de fato não é possível sem cultivar o campo do sujeito e sem respeitar as suas raízes, a cultura na qual ele está inscrito. Por isso devemos pensar a educação sempre em termos interculturais numa perspectiva que considere todas as dimensões do ser humano. (DUARTE, 2018, p. 111)

Dada a importância de se respeitar o outro e sabendo do preconceito existente em relação ao imigrante é importante citar Giacomini (2017, p. 92), ao destacar que, para o IMDH (2015, p.44) “a importância de ações coletivas que promovam a hospitalidade e a interculturalidade com os imigrantes, de forma a combater qualquer prática preconceituosa”. Ao receber pessoas com costumes diferentes é necessário evitar a manifestação do preconceito.

Um dos aspectos que levam os migrantes a sentirem dificuldades de adaptação com a cultura local está relacionada com a língua falada pelos imigrantes. Sobre essa questão, Duarte afirma que:

Essas percepções sentidas no contato com o imigrante e com pessoas engajadas na causa instigaram uma reflexão ainda mais significativa quanto ao papel da língua na construção das relações com aqueles que não dominam a língua utilizada em um espaço, com isso compromete e influencia o avanço dessas relações interculturais, principalmente quando permeadas pelo preconceito e pela intolerância, (GIACOMINI, 2017, p. 44).

Grande parte de imigrantes que chegam ao país de destino não dominam a língua local. Isso dificulta sua contribuição com a cultura local através dos valores culturais trazidos do seu país. Em relação a isso, Duarte (2017, p. 58) destaca Tedesco que afirma,



O estrangeiro participa e provoca um cenário que une dimensões contrárias: pertencimento e rupturas, alteridade e desejo de participar, distanciamento e proximidade, socialização e dessocialização; um sujeito ambivalente, próprio da modernidade, que provoca mobilidade na fixidez e, ao mesmo tempo, distância e proximidade sem ser ou querer ser um pertencente da/na cultura e sociedade hospedante. O estrangeiro, nesse sentido, é um sujeito síntese, uma configuração entre familiaridade e estranhamento, emoção/afetividade e indiferença, engajamento e liberdade, suspeição e perigo; é um recém-chegado. (TEDESCO, 2010. p. 29)

Após a chegada dos imigrantes é importante que além da acolhida seja propiciado momentos com atrações culturais, permitindo expressarem seus costumes, levando uma aproximação com a população local.

Sabemos que nossa cultura é composta pela contribuição de várias nacionalidades, devemos respeitar todas as manifestações, pois, representam uma nação em si e também a nossa já que fazem parte do nosso país, estão aqui como migrantes ou refugiados.

Brandino (2017, p. 5), observando as imigrações especialmente na atualidade relata sobre o Sarau dos Refugiados um projeto realizado pela cidade de São Paulo,

Compartilhar a própria cultura permite àqueles que se refugiam no país uma aproximação dos brasileiros livre de estereótipos comuns quando se aborda tal questão. Eles vieram da República Democrática, do Congo, Colômbia, Palestina, Haiti e da Síria e não querem ser reduzidos a vítimas. O sentimento que trazem e de troca, de descoberta de outras culturas, idiomas e formas de comunicação. Naquela noite, eles, são os protagonistas de uma noite intercultural que tem se espalhado pelo estado de São Paulo por meio do Projeto Sarau dos Refugiados.

Nesse contexto da discussão dos recentes fluxos de imigração no Brasil, a troca cultural de experiências entre os brasileiros e os haitianos é rica. Os migrantes trazem sua dança, música e culinária e gostam de compartilhar com a cultura local. As comunidades haitianas costumam realizar Festivais de Cultura Haitiana nas cidades em que estão inseridos.

A interação das culturas locais com as culturas dos imigrantes é um fator que ajuda a fortalecer a interculturalidade. A título de exemplo, como uma forma de apoiar a cultura dos imigrantes foi realizado em Pato Branco – Paraná a Noite Cultural Haitiana, tendo o objetivo de integrar as culturas do Brasil e do Haiti. O evento além de divulgar a cultura também buscou arrecadar fundos para servir de ajuda a haitianos (JUNIOR, 2018).

Bernartt (2015, p.111) discorre sobre a diáspora haitiana que possibilita a inter e a multiculturalidade proporcionada entre os diversos espaços de mobilidade transnacionais e o Haiti, citando Handerson (2015, p. 362), para o qual "(...). A mobilidade faz parte da vida



cotidiana da pessoa diáspora: ela constitui e vive permanentemente em novos espaços sociais e culturais”.

No que se refere à troca de conhecimento entre pessoas de culturas diferentes, Cechetti e Piovezana asseveram:

A interculturalidade, para além de um enunciado teórico ou metodológico, constitui-se em uma prática existencial de descontração cultural, um trabalho sobre si mesmo, para poder melhor tratar os outros, entre a janela e o espelho, entre o mundo interior e o exterior, permitindo reconhecer e compartilhar nossos conhecimentos e nossa riqueza cultural com os outros, num processo dinâmico. (CECHETTI, PIOVEZANA et al, 2015, p.34).

Nós, brasileiros, possuímos uma enorme riqueza cultural. E temos muito a apresentar aos imigrantes, assim como a aprender com a cultura por eles trazida e conosco compartilhada.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

O cenário apresentado até aqui, visando refletir sobre o processo Imigratório no Brasil, a presença de migrantes haitianos em nosso país e a relações de interculturalidade, revela que é momento de pensarmos seriamente sobre a temática proposta e posta de modo introdutório (já que nossa pesquisa está apenas começando).

Pelas reflexões empreendidas foi possível observarmos que o Brasil é um país que, em sua história, acolheu muitos imigrantes. Que desde o período da colonização passou a contar com o trabalho de estrangeiros que auxiliaram no desenvolvimento da economia baseada na agricultura e na indústria. Esse processo continua na atualidade, com a chegada de haitianos e de diversas outras nacionalidades, com destaque inclusive para a imigração venezuelana.

Para auxiliar no acolhimento aos imigrantes o Brasil conta com o auxílio de várias entidades, dentre as quais cabe citar o ACNUR e o IMDH que auxiliam os imigrantes a conseguirem empregos e a regulamentarem suas documentações, são muitos que buscam melhorar sua vida e viver com mais dignidade em nosso país. Mesmo com o apoio dessas entidades ainda muitos imigrantes sofrem pela falta de oportunidade de trabalho e com o preconceito relacionado à sua raça e sua cultura.



É preciso investir mais em políticas de acolhimento e inserção de imigrantes de uma forma mais humana, evitando sofrimentos, preconceitos e violências que ocorrem devido à diferença manifestada na forma de viver.

Notamos também que a partir de 2010, com a chegada de haitianos em nosso país para assumirem vagas de trabalhos, percebe-se que a presença dos imigrantes haitianos é importante para nossa economia e leva a uma troca de experiências entre trabalhadores de culturas diferentes propiciando toda a questão intercultural, sobre a qual aqui discutimos.

Enfim, vale dizer que, formado de diversas nacionalidades, o Brasil é composto por uma grande diversidade cultural. Desse modo é uma nação propícia à construção da interculturalidade compreendida como intercâmbio de várias identidades culturais. Para agregar valor ao desenvolvimento da cultura local através da interculturalidade, torna-se necessário promover a troca de vivências entre os imigrantes e as pessoas locais, sobretudo respeitando e valorizando os conhecimentos culturais trazidos pelos imigrantes. Essa troca pode, sem dúvida, tornar a cultura brasileira mais rica e expressiva.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Refugiados** [internet] Brasil. Disponível em <<https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>.

BERNART, Maria de Lourdes; et al. **Diáspora haitiana**: primeiros estudos sobre impactos para o desenvolvimento urbano e regional nas regiões sul e norte do Brasil. Cadernos CERU, série 2, v. 26, n. 1, junho de 2015.

BRASIL. **LEI nº 13.445, DE 24 DE MAIO DE 2017**. Diário Oficial da União, 25 de maio de 2017.

CECHETTI, Elcio; PIOVEZANA, Leonel, et al: **Interculturalidade e Educação**: saberes, práticas e desafios. Blumenau: Edifurb, 2015.

DEMOCRACIA & POLÍTICA. **Haitianos buscam emprego no Brasil** [internet] Brasil. Disponível em <<http://democraciapolitica.blogspot.com/2012/01/new-york-times-haitianos-buscam-emprego.html/>>.

DIÁRIO DO SUDOESTE. **Noite Cultural celebra tradições do Haiti** [internet] Brasil. Disponível em: <<https://www.diariodosudoeste.com.br/noticia/noite-cultural-celebra-tradicoes-do-haiti/>>.

DUARTE, Camila Correa Baptista. **Manifestações de preconceito**: a presença de haitianos em Pato Branco (PR) – Dissertação (mestrado) – Universidade de Pós Graduação em desenvolvimento Regional. Pato Branco, PR, 2017. Bibliografia: F. 133 – 120.



FLÁVIO, Luiz Carlos. **Diáspora haitiana**. Poema inédito in: A geografia virou poesia (no prelo), 2019.

FLÁVIO, Luiz Carlos. **Os bóias frias de Taciba**: os meandros de sua sobrevivência nos marcos da (re) produção capitalista do espaço. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente, Unesp - Faculdade de Ciências e tecnologia, 1999.

GIACOMINI, Taise. **Experiências de ensino de língua portuguesa para haitianos em contexto educativo formais e não formais**: um estudo no município de Pato Branco (PR) – Dissertação (mestrado) – Universidade de Pós Graduação em desenvolvimento Regional. Pato Branco, PR, 2017. Bibliografia. F. 172 – 182.

GREGORI, José et al. **Caderno de debates 2 agosto de 2007**. UNHCR/ACNUR; IMDH

HALL, Start. (1992). **A identidade cultural na pós – modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

IDOETA, Paula Adamo. De onde vêm as pessoas que pedem refúgio no Brasil - e qual a situação em seus países? **BBC News Brasil**. 21 de maio de 2018.

IMDH. Histórico do IMDH. [internet] Brasil. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/historico-do-imdh/>>.

LEI Nº 9.474, DE 22 DE JULHO DE 1997 [internet] Brasil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm/>

LIMA, J. B. B. et al. **Refúgio no Brasil**: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014). Brasília: Ipea, 2017.

MARTINS, José Renato Vieira, et al. **A Diáspora Haitiana**: da utopia à realidade. Foz do Iguaçu: Gráfica Grapel, 2014.

MOTOKI, Carolina; et al. **Caderno temático Migração**: O Brasil em Movimento (publicação do programa Escravo nem pensar!). Impresso no Brasil, 2 mil exemplares, Distribuição gratuita, 2012.

PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan, et al. **Pedagogia Social**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

PAIXÃO, Alessandro Eziquieu da: **Sociologia Geral**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

PAYER, Maria Onice. **Memória da língua-imigração e nacionalidade**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, 1999.

PEDRO, Mariana Salles Machado Hirche & BERNARTT, Maria de Lourdes. **Fronteiras humanas**: breve histórico da imigração no Brasil. Disponível em http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/6132/1/PB_EL_I_2015_15.pdf.

PEREIRA, Carlos José. **Acolhida a migrantes e refugiados**: a ética da pastoral do migrante desafios para a democracia no Brasil. TRAVESSIA – Revista do migrante- Publicação do CEM – Ano XXIX, nº 79, Julho – Dezembro / 2016.



RESENHA: **Migrações na atualidade** – Ano 28 – nº 109 – Dezembro 2017.

RIBEIRO, Alessandra StremelPesce: **Teoria e prática em antropologia**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEYFERTH, Giralda, et al. **Mundo em movimento**: ensaios sobre migrações. Santa Maria: UFSM, 2007.

SILVA Leda Maria Messias da, LIMA Sarah Somensi. Os imigrantes no Brasil, sua vulnerabilidade e o princípio da igualdade. In: **Revista Brasileira de Políticas Públicas**. V. 7, n. 2, agosto de 2017. pp.385-403.

SOARES, Weber, LOBO, Carlos, MATOS, Ralfo. Mobilidade espacial dos imigrantes estrangeiros no Brasil - 1991/2010. In: **REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 191-205, jan./jun. 2015.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; BOTEGA, Tuíla. **Política migratória e o paradoxo da globalização** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasília: CSEM, 2015.

ZAMBERLAM, Jurandir, et al. **Os Novos Rostos da imigração no Brasil**: Haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Solidus, 2014.